

COMPARTILHAR IMAGINÁRIOS: O JORNALISMO COMPARTILHADO COMO CONSTRUTOR DE ESPAÇOS DEMOCRÁTICOS E CRIATIVOS

Janaína de Oliveira_Autor 1

oliveirajanaina97@gmail.com_Autor 1

Universidade Federal de Goiás (UFG) _Autor 1

Brasil_Autor 1

Jordana Cristina Alves Barbosa_Autor 2

jordana_kristina@hotmail.com_Autor 2

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) _Autor 2

Brasil_Autor 2

RESUMO

A América Latina é um campo fértil e produtivo de imaginários sociais ao mesmo tempo em que vários veículos de comunicação ignoram essa diversidade por seus interesses econômicos, transformando tudo em informação hegemônica. Em contrapartida, o Jornalismo Compartilhado tem contribuído com a memória e o imaginário social das comunidades que, historicamente, foram e são sub-representadas ou, ainda, não representadas. E é esse o ponto de partida para a construção deste artigo, a experiência que o Jornalismo Compartilhado oferece como uma alternativa teórica e prática. Desde 2000, o laboratório de ensino, pesquisa, extensão e coletivo Magnífica Mundi vem trabalhando pela democratização da comunicação no Brasil, além de proporcionar experiências diferenciadas e não hegemônicas a graduandos em Jornalismo. O coletivo oferece cursos de formação para jovens e adultos, que além de se tornarem jornalistas populares, podem produzir informações de acordo com a própria realidade. A memória, assim, vai sendo recuperada, preservada e repassada também pelos jornalistas populares. E a América Latina, lugar de contadores de histórias, cantores, trovadores, repentistas, mestres e mestras de funções menosprezadas pelo mercado capitalista, pode construir um

enorme e sólido espaço para a criatividade, para a memória e para o imaginário via Jornalismo Compartilhado que, assim, contribui para o fortalecimento e continuidade da criatividade dos povos latino-americanos.

PALAVRAS CHAVE

Imaginário Social, Jornalismo Compartilhado, Magnífica Mundi

I. INTRODUÇÃO

O Tratado de Tordesilhas foi assinado em 1494 entre o Reino de Portugal e a Coroa de Castela para dividir o domínio sob as terras e as pessoas da América do Sul. A partir dessa época, a colonização redefiniu o local, o nacional, o regional e o mundial no mesmo processo em que novas relações sociais e de poder foram constituindo o mundo moderno-colonial que nos estruturam ainda hoje (Porto-Gonçalves, 2012).

Contudo, os limites territoriais entre as Coroas não foram respeitados e por volta de 1682 o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, foi designado para liderar uma expedição portuguesa em busca de pedras preciosas e indígenas para escravização no interior da Capitania de São Paulo (Silva, 2014). Segundo anedota regional, que ainda faz parte do imaginário social atual e explica o nome do Estado e da cidade Goiás, ao encontrar indígenas da etnia Goyá na nascente do rio Vermelho e próximo à Serra Dourada, Bartolomeu Bueno incendiou um pouco de cachaça e ameaçou colocar fogo no rio se os indígenas não contassem onde encontrar o ouro usado pelas índias. Após esse momento, Bartolomeu e seu filho de mesmo nome seriam conhecidos pelo apelido de Anhanguera, que na língua indígena Guarani significa Diabo Velho ou Espírito Mau (Silva, 2014).

Pela abundância de ouro na região central do Brasil Colônia, as bandeiras portuguesas continuaram e Bartolomeu Filho impulsionou a colonização do território goiano às margens do rio Vermelho. O local se transformou em Vila Boa de Goyaz, sede administrativa da Capitania de Goyaz em 1748. Segundo o pesquisador Marcelo Silva (2014) nesse período as nações indígenas Xacriabá e Avá-Canoeiro foram reduzidas, os índios Goyá, Crixá, Kayapó Meridional e Akroá foram exterminados enquanto o povo Caiapó destacou-se na resistência.

Já em 1750, os reis João V de Portugal e Fernando VI da Espanha redesenharam institucionalmente a divisão dos territórios das colônias sul-americanas no Tratado de Madri. Entretanto, no mesmo ano, a explorada Capitania de Goyaz perde sua população

e importância econômica pela escassez de ouro (Silva, 2014). Entre 1770 e 1785 a cidade ganha um projeto arquitetônico incluindo arborização e alinhamento das ruas, planejamento urbano que é mantido até hoje.

Em 1930, Pedro Ludovico Teixeira, ganha as eleições para governador do Estado e decide mudar de lugar a capital. Um jeito de “atender” interesses dos outros municípios, mas acima de tudo, uma forma de descentralizar o poder e o coronelismo exercido durante muitos anos pela família Caiado. A nova capital, Goiânia, localizada a 140 quilômetros da antiga Vila Boa de Goyaz, é construída em prol da modernidade do estado e a cidade torna-se apenas Goiás.

Já em 2001, a cidade de mesmo nome do Estado ganha o título de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) por suas fortes e múltiplas expressões culturais e artísticas, além de possuir arquitetura e infraestrutura marcada pelos processos de colonização, exploração mineral e resistência à escravidão do século XVII.

O título faz jus a arquitetura, à cultura e à memória da cidade. Sendo o primeiro núcleo urbano fundado no território goiano no início do século 18. Entre becos, casarões coloniais e quintais, entre procissões, igrejas e santos barrocos, entre alfenins e empadões está escrita a história goiana-brasileira e a história de todos os seus fabulosos personagens (Portal da cidade de Goiás, www.cidadedegoias.com.br, 2001).

Desde então, enquanto a pequena cidade de Goiás move sua economia pelo turismo histórico, cultural e ambiental (Paulus, 2013) a atividade agropecuária extensiva e latifundiária consegue dominar tanto a economia quanto as relações de poder do atual Estado de Goiás. Conseqüentemente, “a população camponesa composta por camponeses, quilombolas, indígenas, pescadores, caiçaras, caboclos, bóias-frias, seringueiros, povos da floresta, caipiras, peões, lavradores, posseiros, sem-terra, roceiros, sertanejos, mineradores e caçadores de minério” (Nascimento, 2003) ocupa os territórios rurais com agricultura familiar destinada à subsistência e ao mercado local, sofre pelo Estado priorizar a ocupação do mesmo território pela agricultura capitalista patronal, baseada na monocultura exportadora (Nascimento, 2003). Assim, o êxodo rural torna-se a verdadeira política agrícola nacional e os/as camponeses/as são excluídos socialmente por serem considerados atrasados e “fora do lugar” pelo sistema-mundo colonial-moderno (Porto-Gonçalves, 2012) gerar concentração de propriedade e renda,

desemprego urbano e intensificação da violência, além de demarcar o ambiente urbano como superior ao rural no imaginário social brasileiro (Nascimento, 2003).

Desqualificados por conceitos e estereótipos pejorativos como a preguiça, a ingenuidade e a incapacidade intelectual que alimentam o preconceito no imaginário urbano, a educação do/as camponeses/as foi reduzida ao ensino de educação básica e sempre esteve ignorado, marginalizado e fora da agenda política do país (Nascimento, 2003). Assim, crianças e jovens não tinham alternativas de permanência no campo, pois se existia o desejo de estudar era preciso migrar para as cidades próximas em busca de educação. Entretanto, a inquietação de pais e estudantes residentes em Goiás incentivou uma busca por novas alternativas de ensino.

E é por essa busca que surge em 1994, há poucos quilômetros do Centro da cidade de Goiás, a Escola da Família Agrícola de Goiás (EFAGO) que visa oferecer uma educação vinculada à fértil e produtiva cultura regional a partir da Pedagogia da Alternância¹, ou seja, valorizando o tempo escola e o tempo comunidade-família. Além disso, a escola estimula a agricultura familiar numa perspectiva comunitária ao ensinar agroecologia e também ao contribuir na luta por uma política agrícola diferenciada e adequada à preservação da vida e do meio ambiente. Portanto, a EFAGO valoriza, incentiva e promove o intercâmbio de experiências alternativas de organização, gerenciamento e comercialização para garantir não só a qualidade do produto da agricultura familiar, mas também o acesso ao mercado e uma renda justa (Nascimento, 2003).

Por apoiar todo tipo de luta por direitos há quase 20 anos, a Magnífica Mundi concordou em realizar oficinas de Jornalismo para auxiliar na independência comunicacional e na ampliação de voz dos homens e mulheres estudantes, professores e colaboradores da escola, uma vez que os veículos de comunicação de massa ignoram essa diversidade de conhecimentos históricos, técnicos e culturais da vida agrícola familiar por seus interesses econômicos.

A Magnífica Mundi, apelidada carinhosamente pelos estudantes como Mag, é um coletivo, projeto de extensão e laboratório de pesquisa vinculado ao curso de Jornalismo na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás

¹ Pedagogia da Alternância é um projeto-educativo que contribui para a promoção e o desenvolvimento das pessoas, num contexto sócio-geográfico e profissional concreto. É uma educação que ajuda a preparação para e no trabalho e a profissionalização com: qualificação e profissionalização legal; inserção profissional na agricultura familiar e outras profissões no meio rural; possibilidade de continuar os estudos. (Nascimento, 2005, pg. 24).

(UFG). A Mag tem uma perspectiva interdisciplinar e sempre contou com estudantes de várias áreas do conhecimento e um dos trabalhos do coletivo é desenvolver projetos dentro da perspectiva da Comunicação Comunitária e Compartilhada. O público-alvo da Magnífica Mundi sempre foram assentamentos, escolas rurais, quilombos, aldeias indígenas, ocupações urbanas e os projetos desenvolvidos vão desde a montagem de uma rádio comunitária à transmissão ao vivo via *streaming* de programas para rádio, webrádio e webtv, além de jornal mural, fotografias e documentários.

A EFAGO, sendo uma escola agrícola se encaixa perfeitamente nos interesses da Magnífica Mundi que ainda objetiva sempre trabalhar com o imaginário social do povo “cerradense”, ou seja, os habitantes do Cerrado. As oficinas de comunicação para crianças, jovens e adultos são o cotidiano das práticas do coletivo.

Assim, a EFAGO era o destino de três estudantes e um professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás em maio de 2016. O grupo, que faz parte do coletivo e laboratório de extensão Magnífica Mundi, viajou de Goiânia – atual capital do Estado – até o município de Goiás para ensinar Jornalismo voluntariamente na EFAGO. Todos visavam ampliar vozes e compartilhar imaginários, experiências e conhecimentos técnicos entre os jovens da UFG e da EFAGO para ser registrado em plataformas eletrônicas e digitais que pudessem ser acessadas por qualquer pessoa do mundo pela internet.

II. DESENVOLVIMENTO

Campo e cidade não são termos e nem ambientes opostos, pois ambos se conectam e fazem parte do mesmo sistema-mundo colonial-moderno. Em contrapartida, o imaginário social brasileiro, impulsionado por representações comunicacionais, insiste em simplificar pejorativamente o complexo ambiente campestre e seus sujeitos. Há personagens de TV, rádio e cinema vinculados ao entretenimento que utilizam os estereótipos de preguiça, incapacidade intelectual e ingenuidade para fazer humor e levar os personagens ‘atrasados’ para o progresso do mundo moderno.

Também na esfera comunicacional surge o resultado da hegemonia gramsciana quando a programação do veículo mais influente do Brasil, a televisão, oscila entre programas de entretenimento que abraçam as bandeiras de alguns movimentos sociais durante a noite - como o feminismo em Amor e Sexo e a descriminalização das drogas

em Conversa com Bial – e programas jornalísticos que omitem informações políticas e econômicas ao longo do dia, mesmo com uma editoria mais local e participativa.

Nesse contexto, a Magnífica Mundi busca trilhar caminhos opostos à comunicação de massa através do Jornalismo Compartilhado que ainda é uma vertente marginal, revolucionária e até mesmo anarquista. Podemos afirmar que o Coletivo tem o seguinte objetivo:

observar as relações sociais fomentando a importância da subjetividade, das trocas e da experiência vivida. Tendo o campo da comunicação como ponte, um espaço de diálogos e de encontro de epistemologias pelo ato de compartilhar, que é uma prática desobediente à norma (Almeida & Rocha, 2017)

Assim, o Jornalismo Compartilhado refere-se a uma prática jornalística emancipadora, pois não só amplia espaço para ideias e capacita tecnicamente, como também constrói junto com as mais diversas comunidades novas formas de compartilhar conhecimentos, trocar experiências e lutar por ideais que representem sua identidade e realidade.

Um dos melhores exemplos que podemos citar é o caso da comunidade Sertão, uma comunidade rural que fica na Serra das Laranjeiras no município de Alto Paraíso de Goiás. A única escola desta comunidade é cortada, literalmente, por uma estrada, a GO-239, o pátio da escola se encontra exatamente na GO-239, rodovia que é usada como parte do roteiro do Rally dos Sertões². A direção da escola enfrentava e ainda enfrenta inúmeros problemas para conseguir manter a escola em funcionamento, problemas como transporte precário que muitas vezes não conseguia buscar as crianças, poucos professores, o que implicava em juntar as séries, falta de espaço para aulas de educação física e no mês do Rally dos Sertões a escola permanecia fechada pelo risco que oferecia às crianças.

A Magnífica Mundi propôs uma oficina de comunicação e outras atividades pedagógicas. Estudantes de Jornalismo, Artes Cênicas, Música e Educação Física fizeram parte deste projeto especificamente. Além das oficinas e aulas de artes, teatro, música e comunicação, os graduandos ainda deram aulas de educação física com o que estava disponível, como, aulas de natação no rio das proximidades. Os alunos da escola produziram zines sobre suas realidades e uma rádio comunitária foi montada permanentemente na escola, o que facilitou em muito a comunicação da instituição com as famílias das crianças. Agora a escola dos Sertões tem condições de avisar que o

² O maior rally do país e já está na 23ª edição. Podem participar carros, motos, quadriciclos e caminhões. Homens e mulheres podem correr e em média o percurso é de 2500 km.

transporte estragou ou que o rio transbordou, que não haverá merenda ou ainda colocar as crianças para fazerem programas de rádio sobre as matérias que foram ensinadas nas aulas.

Voltando a teoria, vale considerar que o conceito e prática de Jornalismo Compartilhado são marginalizados nos cursos de Jornalismo por ser oposição à comunicação comercial e técnica para prestação de serviços. Ou, ainda, por não visar lucros exorbitantes, fama ou *status* social elevado pela posição social de jornalista hegemônico. Uma das intenções da Magnífica Mundi é fazer com que todos nós nos libertemos da colonialidade do saber, da linguagem, do olhar, quebrar com os paradigmas hierárquicos e com as barreiras físicas e simbólicas.

Essa colonialidade do olhar... então quebra paradigmas hierárquicos, paredes simbólicas. Como o rural/urbano, universidade/campo (Rocha & Vieira, S/D) a favor de uma comunicação sem barreiras, que conecta saberes e que atenda e seja construído pelo povo e não somente por/para um grupo social. Então, no processo compartilhado, o exercício do encontro à cultura popular, com sujeitos marginalizados, inclusive adolescentes e crianças, constitui numa caminhada em conjunto ao conhecimento. (Almeida & Rocha, 2017)

Assim, a inserção de estudantes na experiência de ir além dos textos do currículo de ensino, torna-se absolutamente enriquecedora. Neste caso específico, foi a primeira vez em que dois dos três estudantes entraram em contato com o tema da agroecologia e com as bandeiras dos movimentos sociais do campo. Sabendo disso, a Magnífica também visava contribuir na formação dos estudantes ao ampliar sua percepção sobre uma realidade tão pouco e mal retratada na comunicação brasileira. É importante salientar que um dos intuitos da Magnífica Mundi é a formação pessoal, o coletivo não se limita apenas à teoria ou às práticas, as subjetividades dos integrantes do coletivo também são importantes.

E para tanto, a experiência das oficinas de Jornalismo ocorreram em meio aos caminhos retorcidos do cerrado, nos dias 23 e 24 de maio de 2016 e com cerca de 20 estudantes da EFAGO. O grupo foi dividido em dois para que as turmas alternassem entre as oficinas de rádio, webrádio e webtv, principalmente, para vivenciar as possibilidades específicas e compreender o potencial geral da comunicação. Portanto, as fases de planejamento, produção e execução dos produtos deveriam ocorrer no mesmo dia. No primeiro dia a turma de radiojornalismo foi guiada pelo professor de Jornalismo da UFG, Nilton José dos Reis Rocha, enquanto o segundo grupo foi instrumentalizado sobre televisão e meios audiovisuais com a estudante de Jornalismo, Janaína de Oliveira, e a

colombiana e mestranda em comunicação pela Universidade Estadual de Goiás, Gloria Patricia Piedrahita Sarmiento.

As oficinas abordaram teoria e técnica jornalística via explicação no quadro, roda de conversa sobre as experiências das turmas e resposta a comentários e perguntas. Depois do diálogo, os estudantes foram orientados a produzir conteúdos. Entretanto, o tema de radiojornalismo eram livres enquanto na oficina de webtv todos os repórteres deveriam cumprir pautas específicas, definidas em grupo, para a produção de um telejornal.

Durante a parte prática os estudantes de Jornalismo da UFG, Marina Barros Ferreira e Luiz Phillipe de Araújo Barbosa, foram os responsáveis pela imagem, som, cenário e demais atribuições técnicas para os programas. Contudo, como a EFAGO possuía pouco acesso à internet e nenhum equipamento sofisticado de comunicação, a Mag levou seus equipamentos de rádio, webrádio e webtv. E todos os/as estudantes manusearam câmeras fotográficas e equipamentos de transmissão após curta oficina dos estudantes Marina e Luiz. Mesmo assim, a turma de audiovisual realizou reportagens com o próprio celular por não haver câmeras disponíveis, nem computadores com programas de edição ou tempo para elaborar grandes produções. Assim, foi possível mostrar que com algo tão comum em sua realidade era possível fazer comunicação.

Os temas dos programas de rádio do primeiro dia abordaram piadas, músicas e crenças regionais; enquanto o primeiro telejornal chamou-se Jornal do Campo – Especial EFAGO - por sugestão dos estudantes - e abordou os seguintes aspectos da escola: história, produções e produtos. O roteiro para gravação do telejornal definiu as falas da apresentadora estudante Cleonice Dias, a ordem de perguntas e a ordem de entrada das reportagens. Já a composição do cenário buscou integrar todos os estudantes numa democrática meia lua dentro da sala de aula para que o jornal possibilitasse uma roda de conversa e demonstrasse que o ambiente escolar. Além disso, todos foram denominados de jornalistas ou repórteres populares.

Durante a noite do primeiro dia, os estudantes da EFAGO e da UFG, além dos professores de ambas instituições, integraram-se durante o jantar após a finalização da oficina. Os/as estudantes compartilharam os dormitórios e conversaram sobre expectativas de futuro, gostos musicais e de estilo, além da própria oficina. Nesse momento, percebeu-se como os sonhos de ambos eram parecidos apesar das distintas realidades e cotidianos. O desejo de ser modelo e até mesmo jornalista, além da vontade

de auxiliar financeiramente a família foram alguns dos sonhos em comum compartilhados pelos jovens estudantes do campo e da cidade.

O segundo dia de oficina ocorreu dia 24 de maio e foi marcado pela transmissão ao vivo via Youtube no canal da Magnífica Mundi dos programas de rádio que até então estavam sendo transmitidos apenas para os moradores locais e para a internet no canal de webrádio da Mag. A inserção dos programas de webrádio na webtv proporcionou maior interesse dos estudantes ao ver os resultados de visualização na internet. Além disso, o programa resultado da oficina de audiovisual, agora composto pela segunda turma que no dia anterior participou da oficina de radiojornalismo, também chamou-se Jornal do Campo, mas abordou o tema Juventude Saudável ao discutir a importância de práticas saudáveis para jovens da população campesina cerradense. Essa segunda edição do telejornal também veiculou reportagens sobre receitas culinárias e remédios caseiros, gravados por celular e exibidos num computador portátil pela impossibilidade de edição. E dessa vez, o programa foi apresentado por duas mulheres estudantes (Maiane e Gleika). Contudo, ao final do telejornal todos brincaram, cantaram e dançaram algumas músicas.

III. CONCLUSÃO

Até a publicação deste artigo, todos os nove programas de webtv e webrádio produzidos e gravados na Escola Família Agrícola de Goiás alcançaram 784 visualizações no canal de Youtube da Magnífica Mundi. Este resultado numérico não define o sucesso das atividades, mas demonstra o nível de interação que 20 estudantes conseguiram espontaneamente proporcionar na internet. A troca de experiências entre a UFG e a EFAGO foi, acima de tudo, um movimento bilateral de imaginários sociais distintos que, a partir do trabalho em conjunto, ampliaram os horizontes comunicacionais de todos os integrantes das oficinas ao evidenciar em programas jornalísticos a força e a resistência da cultura popular e campesina e a força dos conhecimentos culturais de jovens homens e mulheres ainda subjugados por preconceitos sociais no Brasil.

Também é importante ressaltar que esses adolescentes dominam vários conhecimentos como a agroecologia, a criação de animais e a extração de mel. São jovens que estão sendo preparados para ter uma profissão e, para eles a opção de sair do campo não é tão atrativa já que foi cultivado o desejo de estar e permanecer ali por amor à terra. É fácil perceber isso, porque ao final do webprograma Jornal do Campo a apresentadora da primeira edição, Cleonice Dias, pergunta qual a importância da escola agrícola na vida

de cada um e as respostas são surpreendentes porque encontramos militância, engajamento, amor pela terra e desejo de se tornar um profissional capacitado.

Além disso, durante as oficinas, um dos produtos foi o webprograma “Bela Mulher” tendo como apresentadoras duas adolescentes, Maranice e Estela, e como entrevistada uma das colegas também adolescente Cleonice Dias. O programa começa com Maranice se apresentando, apresentando as companheiras e dizendo que durante a entrevista elas irão falar sobre mulheres, preconceito e cor. E a primeira pergunta é “Qual a maior dificuldade de morar no campo?” e a resposta é “O estudo.”. À medida que o roteiro segue, elas abordam temas como vaidade feminina, aceitação das próprias características, cuidados pessoais, diferenças entre homens e mulheres no campo, o que leva aos temas de sexismo e divisão sexual do trabalho.

As adolescentes, apesar da timidez, mostram abertamente que são informadas, que têm preocupações com o próprio corpo, com questões pessoais e questões sociais. Os desejos também não estão escondidos, existe o anseio pelo respeito, pelo fim do preconceito, pela igualdade entre os sexos. É explícito que o imaginário das três adolescentes não ronda os estereótipos e arquétipos criados pela mídia em suas várias plataformas. O imaginário vai além, circula a realidade em que elas estão inseridas e transborda em suas falas através do desejo.

Assim, conclui-se que a EFAGO não condiz com a educação formal encontrada em outras escolas do país, pois tenta atender as demandas reais e necessárias do contexto campesino. Tema que não possui espaço na mídia hegemônica. Logo, a iniciativa da Magnífica Mundi tem potencial para modificar a estrutura social brasileira, uma vez que suas ações geram espaços democráticos ideais para promover uma revolução cultural de valorização e incorporação de camadas e grupos sociais distantes do poder da comunicação. Portanto, progressivamente, ‘o movimento racional de emancipação’ (Morais, 2005) poderá mobilizar a consciência humana contra a opressão e modificar o imaginário hegemônico ao fomentar a quebra de preconceitos e ignorâncias. Neste caso, a experiência também promoveu uma quebra de paradigmas aos estudantes de Jornalismo da UFG, Janaína, Luís e Marina, que

encapsulados na universidade com apenas uma forma de fazer jornalismo, ao ter contato com a comunicação compartilhada popular, percebem que outras realidades são possíveis, e que outra comunicação deve ser fomentada. Criticando o imperialismo da informação que apenas se diz “comunitário” e “popular” pela idealização de um mundo, mas que não refletem, experienciam e praticam o contato com os saberes e lhes passam a palavra (Almeida & Rocha, 2017).

Neste sentido, podemos afirmar que a Magnifica Mundi através da Comunicação Compartilhada tenta quebrar com estereótipos, com padrões hegemônicos, com preconceitos e ainda proporciona a escuta dos conhecimentos populares e tradicionais. Com a abordagem interdisciplinar o intercambio de informações e conhecimentos é feito de forma fluida, contínua e sem censuras.

IV. BIBLIOGRAFIA

Almeida, L. P., & Rocha, N. J. R. (2017) Jornalismo compartilhado como prática emancipatória das relações sociais. Anais Eletrônicos do I Congresso Epistemologias do Sul, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, PR, Brasil.

Nascimento, C. G. (2003) Educação do campo e Escola Família Agrícola de Goiás: o caminhar da teimosia de um movimento social educativo. Revista Diálogo Educacional, vol. 4, núm. 8, pp. 1-17.

Nascimento, C. G. (2005). A educação camponesa como espaço de resistência e recriação da cultura: um estudo sobre as concepções e práticas educativas da Escola Família Agrícola de Goiás – EFAGO. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Paulus, W. C. (2013) Adaptação estratégica voltada ao turismo cultural: o caso da Cidade de Goiás. Dissertação de mestrado, UniEvangélica, Anápolis, GO, Brasil.

Porto-Gonçalves, C. W. (2012, maio). A reinvenção dos territórios na américa latina/abya yala. Anais do Conceitos e Fenômenos Fundamentais de Nosso Tempo, Universidade Nacional Autônoma do México, Cidade do México, México.

Silva, M. G. O. (2014). Os índios e a colonização de Goiás. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: saberes e práticas científicas, Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.